

# Reflexões e apontamentos sobre o papel da aula na Educação a Distância

## *Reflections and notes about the role of the lesson in distance education*

Inge Renate Fröse Suhr<sup>(a)</sup>; Flávia D. Ribeiro<sup>(b)</sup>

<sup>(a)</sup> Pedagoga, Mestre em Educação, professora e coordenadora de cursos de Pós-Graduação no sistema EAD do Grupo Uninter.

<sup>(b)</sup> Licenciada em Matemática, Mestre e Doutoranda em Educação, professora e coordenadora de cursos de Pós-Graduação no sistema EAD do Grupo Uninter.

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a função da aula na organização do processo ensino-aprendizagem na modalidade de educação a distância (EAD). Partiu do questionamento sobre o papel da aula na EAD, entendendo que ela precisa ser ressignificada nesta modalidade de ensino. O artigo baseia-se na metodologia da pesquisa-ação, compreendendo que pesquisa e ação podem (e devem) caminhar juntas para melhoria da prática pedagógica. Trata-se de sistematização de estudos e reflexões das autoras a partir de suas vivências como coordenadoras de cursos de pós-graduação na modalidade EAD, que tomam por referência, com base em observações, os modos como os professores destes cursos compreendem o papel da aula. Na organização do texto, toma-se como ponto de partida a discussão de alguns elementos históricos sobre a incorporação da aula no processo de ensino e aprendizagem, seguida de crítica à mera transposição do modelo de aula do ensino tradicional presencial para a EAD e, por fim, a proposição de alguns indicativos para a organização da aula nessa nova modalidade. São referências para estas reflexões as obras de VASCONCELLOS (2005), PIMENTA e ANASTASIOU (2003) SAVIANI, (1992), MASETTO (2003), LIBÂNEO (1985). Nas considerações finais o texto aponta algumas contribuições para a definição do papel dos encontros dialógicos, conhecidos como “teleaulas”, como momento para a promoção de situações desencadeadoras que mobilizem para a auto-aprendizagem, característica na EAD, bem como para a elaboração de sínteses a partir da aproximação a novos conhecimentos, propostos pelo professor, rumo ao desenvolvimento da autonomia intelectual.

**Palavras-chave:** Encontro dialógico. Aula. Organização do ensino. Educação a distância.

### ABSTRACT

*This work aims at reflecting about the role of the lesson in the organization of teaching-learning process in distance education (DE). The starting point was a question about the role of the lesson in DE, and the understanding that it needs a new signification in this type of education. This article is based on action research methodology, as research and action can (and should) move together to improve teaching. It is the systematic study and reflection of the authors from their experiences as coordinators of post-graduate courses in DE mode, taking as a reference, based on observations, the ways in which teachers of these courses understand the role of the lesson. In the organization of the text, we take as a starting point the discussion of some historical elements about the incorporation of the lesson in the teaching and learning process, followed by some criticism of the mere transposition of traditional model of education to DE, and finally, some propositions for the organization of class in this new modality. VASCONCELLOS (2005), PIMENTA and ANASTASIOU (2003) SAVIANI, (1992), MASETTO (2003), LIBÂNEO (1985) were used as references for these reflections. In the final considerations, the text suggests some contributions to the definition of the role of online classes, known as "teleaulas", as a time for the promotion of situations that trigger mobilization for self-learning, which is characteristic in DE, as well as for the preparation of summaries from the proximity to the new knowledge offered by the teacher, towards the development of intellectual autonomy.*

**Keywords:** *online classes. Lesson. Teaching Organization. Distance education.*

### Introdução

A Educação a Distância (EAD) é uma modalidade que, embora não seja tão recente, tem se difundido sobremaneira na atualidade, principalmente devido às possibilidades criadas pelas tecnologias de informação e da comunicação. Não há como negar que a EAD pode ser uma valiosa ferramenta em prol da democratização do ensino no Brasil, mas para isso é necessário que se busque a constante melhoria de sua qualidade - elemento que também deve perpassar a educação presencial. Na função de coordenadoras de cursos de pós-graduação na modalidade EAD temos buscado refletir sobre seus limites e possibilidades no momento atual, tendo por referência a instituição na qual atuamos.

O sistema utilizado nessa instituição prevê a realização de encontros dialógicos interativos, organizados no Centro de Dialógica, na sede em Curitiba, e transmitidos ao vivo para todos os pólos de apoio presencial. Conta também com um ambiente virtual de aprendizagem - que oferece ferramentas variadas de estudo e interação - apoio de material didático específico para o curso, tutorias de conteúdo por radioweb e chat, apoio de uma equipe de tutores no pólo e na sede. De todas as possibilidades de ensino previstas, percebe-se que o momento mais valorizado pelos alunos e professores é o Encontro Dialógico Interativo, chamado informalmente de “teleaula”. A relevância deste momento para os alunos nos levou a refletir sobre o papel da aula na EAD, tema deste artigo.

### **A organização do processo ensino-aprendizagem em formato de aula - elementos históricos**

Iniciaremos nossa reflexão abordando brevemente a história da organização do processo ensino-aprendizagem em formato de “aula”, já que a maioria de nossos alunos, assim como a quase totalidade de professores que vêm atuando na EAD, cursou sua graduação no sistema presencial e, portanto, suas referências advêm deste modelo.

A questão da organização da seqüência de atividades de ensino-aprendizagem vem sendo foco de estudos de vários educadores, desde que surgiu a escola como hoje a conhecemos, no momento de consolidação da sociedade capitalista. Naquele momento havia poucas possibilidades de organização, já que os recursos - financeiros, humanos e tecnológicos - eram poucos. Assim, a escola, que mais tarde recebeu a alcunha de “tradicional”, organizou-se a partir da centralidade do professor, visto como transmissor de conhecimento. Aos alunos, compreendidos como seres passivos, cabia o papel de assimilar os conteúdos transmitidos e, mais tarde, aplicá-los à vida fora de sala.

Herbart, filósofo alemão do século XVII, propôs uma estrutura para as atividades de ensino-aprendizagem, que orientou a prática pedagógica na escola tradicional e que, apesar das intensas mudanças ocorridas da sociedade desde então, ainda é referência para a organização das aulas neste início do século XXI. Segundo Saviani (1992), Herbart propunha os seguintes passos para a aula: preparação, processo pelo qual o professor procurava relacionar o novo conteúdo a conhecimentos que o aluno já possuía, com o objetivo de causar interesse na matéria; apresentação ou demonstração do conteúdo novo; associação, fase na qual o professor orienta a assimilação do assunto pelos alunos por meio de comparações e relações com conteúdos já aprendidos anteriormente; generalização, etapa de grande importância para desenvolver a mente além do imediato e na qual, partindo do conteúdo recém-aprendido, o aluno deverá formular regras globais. Finalmente, a última etapa é a da aplicação, que tem como objetivo mostrar a utilidade do conteúdo aprendido.

Esta forma de organizar as aulas foi questionada pelo movimento da “Escola Nova”, típico do início do século XX, que propunha o aluno como centro do processo educativo. Para esta linha, mais importante do que assimilar os conteúdos científicos, era desenvolver atitudes de busca do saber (aprender a aprender), por meio de atividades de pesquisa, jogos, trabalhos em grupo, experiências, etc. Libâneo (1985) demonstra que nesta configuração já não cabia ao professor transmitir o conteúdo e sim, orientar e apoiar o grupo de alunos, a partir dos interesses que estes demonstravam.

A nova idéia contribuiu para que se compreendesse o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, no entanto, autores como Saviani (1992) apontam para a relativização dos conteúdos como um dos pontos falhos desta concepção, afirmando que ensino não é pesquisa e sim, transmissão de saberes que poderão, depois de assimilados pelo aluno, propiciar que ele busque, autonomamente, novos saberes. Dito de outra forma, segundo Saviani (op.cit) determinados conteúdos precisam sim ser transmitidos por um

professor competente, tanto no que se refere ao saber específico da área, quanto ao saber didático.

A partir da década de 1950, impulsionada pela ditadura militar no Brasil e pelo desejo de desenvolvimento científico e industrial, cresceu a tendência tecnicista de ensino. Com o foco na formação de mão-de-obra habilitada para os cargos médios surgidos nas empresas multinacionais atraídas para o país, o tecnicismo procura aproximar a escola da empresa. Busca eficiência, eficácia, racionalidade, neutralidade e produtividade no ensino, usando de maneira expressiva o modelo empresarial de organização e apoiando-se nas tecnologias de informação e comunicação. Segundo Libâneo (op.cit) o ensino passa a ser concebido como treinamento e os conteúdos de ensino - organizados por especialistas - são aqueles que serão úteis para a inserção no mercado de trabalho. Ganham força os sistemas de autoensino, a instrução programada, o ensino por módulos, os testes objetivos, planejados por especialistas e aplicados pelo professor. É possível perceber que tanto professor quanto alunos têm papéis secundários em relação ao planejamento e aos materiais instrucionais dos cursos.

A partir da redemocratização vivida pelo Brasil em meados dos anos 80, surgem várias concepções de ensino que buscam contribuir para a construção de uma escola cidadã, significativa para os sujeitos, capaz de lhes dar condições de se sentirem sujeitos de suas próprias histórias. Dentre estas concepções, podemos citar a Pedagogia Histórico-Crítica, descrita por Saviani (1992), que busca ressignificar as contribuições anteriores, mas a partir da clareza que toda metodologia traz implícita uma concepção de mundo, sociedade, homem e educação. Saviani (1992) afirma que tal pedagogia seria revolucionária, pois, por um lado, não seria ingênua a ponto de supor que a educação é capaz de resolver os conflitos e a desigualdade vividos na sociedade capitalista, pois estes são inerentes a este sistema. Por outro, recolocaria para a escola o papel de ser sim, um dos elementos que pode contribuir para a transformação social rumo a uma sociedade mais justa.

A pedagogia histórico-crítica se difundiu a partir do início dos anos 80 do século XX e propôs que nem professor, nem aluno, nem conteúdo, nem materiais instrucionais sejam o centro do processo ensino-aprendizagem. Nesta vertente a ação pedagógica é uma interação entre aluno-professor-conhecimento e contexto histórico-social. A apropriação do conhecimento pelo aluno é mediada pelo professor, profissional com domínio técnico e metodológico, a quem cabe o papel de planejar as atividades de ensino-aprendizagem. Ao aluno, sujeito historicamente determinado, cabe o papel de se apropriar ativamente do saber trazido pelo docente, mas esta atividade é principalmente mental, com a intenção de compreender os fundamentos dos conteúdos e torná-los significativos para si. A superação do senso comum é o objetivo do ensino e ocorre por meio de um processo que parte do saber que o aluno já tem, o problematiza, reflete sobre ele, confronta com o novo conhecimento trazido pelo professor e permite a construção de novas sínteses. Neste sentido, para Saviani (2003) a escolha dos materiais de ensino está atrelada aos objetivos que se pretende alcançar.

A proposta acima descrita não alcançou posição hegemônica e foi perdendo força a partir dos anos 90. Novas contribuições foram se pondo no cenário educacional, de modo que hoje convivemos com uma infinidade de orientações, propostas e encaminhamentos. Mesmo assim, acreditamos na importância de considerar que o processo ensino-aprendizagem deve se organizar tendo como referência a relação do aluno com o conhecimento mediada pelo professor, usando os diversos materiais e tecnologias de maneira a favorecer a apreensão crítica dos conteúdos. Entendemos também que o conhecimento, quando realmente é apropriado pelo aprendiz, transforma sua relação com o mundo e, por isso mesmo, abre possibilidades de transformação social.

### **Analisando a transposição acrítica do modelo presencial de aula para a EAD**

Embora a EAD no Brasil tenha se colocado de maneira mais significativa após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9394/96), é possível apontar influências das tendências acima descritas na sua organização. Com certeza podemos perceber o papel importante das tecnologias da informação e comunicação (TIC), que poderia nos remeter ao tecnicismo. Também podemos notar a ênfase na transmissão de informações a serem assimiladas pelo aluno sem interferência direta, o que poderia ser indicativo da proposta tradicional. Do mesmo modo, a busca da autonomia intelectual, da colocação do aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, aproxima a EAD do escolanovismo. Por outro lado, no papel de articuladores de vários cursos de EAD, acreditamos que esta modalidade de ensino pode de fato, oferecer possibilidades de assimilação crítica do conhecimento pelo aluno por meio da mediação de um professor competente no que se refere ao conteúdo específico e à didática, o que nos aproximaria da Pedagogia Histórico-Crítica.

A percepção dessas influências nos permite concluir que a EAD, embora seja uma modalidade diferenciada, que implica em formas de organização e saberes diversos daqueles comumente associados à educação presencial, vem se constituindo sobre as bases dessa modalidade de ensino, a da educação presencial.

Como a expansão da EAD ainda é recente no Brasil, poucos são os que têm formação específica na nova modalidade e tanto os professores como os demais profissionais que hoje nela atuam, foram formados no ensino presencial e nele iniciaram sua atuação, aprendendo a prática profissional neste ambiente.

No decorrer de nossa prática na coordenação de cursos é possível perceber posições semelhantes às apresentadas por Guedes, Mehlecke e Costa (2008) que realizaram um estudo empírico com o objetivo de identificar a percepção dos docentes sobre a modalidade a distância e o papel do

professor. Esta pesquisa aponta que 55% dos professores de Ensino Superior consideram que o papel do docente no ensino a distância é o mesmo que no presencial. Quando perguntados se para ministrar aulas na modalidade a distância o professor precisa mudar sua metodologia, 100% dos professores de Ensino Superior pesquisados afirmam que não, além de 50% deles considerar que o papel do professor é o mesmo em ambas as modalidades. As autoras do referido estudo concluem que é urgente a formação continuada para a docência na EAD, elemento que, embora venha sendo objeto de várias ações na instituição em que trabalhamos, ainda precisa ser muito ampliado.

Quando convidados para lecionarem na modalidade a distância, é comum os professores manifestarem insegurança em relação ao uso das TIC e, ao mesmo tempo, não perceberem que é necessário repensar a forma de organizar o conteúdo e sua apresentação aos alunos. Suas falas vão na mesma direção apontada por Guedes, Mehlecke e Costa, ocorrendo uma forte tendência de repetir na EAD as formas de organizar os conteúdos vivenciadas no ensino presencial, tendencialmente de modo linear e baseado na intenção de “transmitir” determinados conceitos considerados centrais em um tempo reduzido.

Embora a preocupação em transmitir os conteúdos centrais possa ser um indicativo da preocupação desses professores com a qualidade do ensino, demonstra o reflexo das tendências pedagógicas anteriormente descritas, principalmente a estrutura tradicional de ensino, revestida de ares tecnicistas dado o uso das TIC e o controle mais rígido do tempo. Pode ainda estar indicando que no ensino presencial também seja esta a metodologia predominante, embora haja muitos estudos e propostas de superação desse encaminhamento.

Masetto (2003) afirma que o surgimento de novos espaços de aprendizagem tais como os utilizados pela EAD podem ser incorporados no processo de aprendizagem como uma nova forma de se contatar com a realidade ou fazer simulações facilitadoras de aprendizagem. O uso da Internet para pesquisa, e-mails, fórum, chat, listas de discussão, portfólios,

sites, homepages, vídeo e teleconferências, dentre outros, são novos ambientes por onde o aprendiz pode navegar para realizar sua aprendizagem, desenvolvendo a autoaprendizagem e a interaprendizagem.

Contudo, segundo o mesmo autor, novas atitudes dos alunos e dos professores são necessárias e deverão ser desenvolvidas. O aluno precisa desenvolver iniciativa, criticidade, curiosidade e criatividade. Já o professor deve desenvolver a clareza da necessidade de orientação constante aos alunos, disponibilidade de atendimento, domínio dos recursos da informática e telemática. Precisa ainda, aprender a se comunicar por escrito com os alunos, realizar a mediação pedagógica a distância e, principalmente, planejar um curso com atividades a distância, com detalhismo e precisão.

Masetto (op.cit), nesse sentido, já nos adverte a respeito do perigo de que a organização do ensino na educação a distância se constitua como transposição do modelo das aulas tradicionais do ensino presencial. Segundo ele, o que não poderá ocorrer, sob pena de perdermos essa riqueza, é colocarmos nas ferramentas da informática e da telemática apenas nossas aulas tradicionais. Infelizmente, ao que nos indicam nossa vivência - o discurso dos professores, o modo como organizam as aulas e a forma como a executam - assim como a pesquisa de Guedes, Mehlecke e Costa, é exatamente isso que vem ocorrendo. Faz-se necessário, por meio da formação continuada, preparar os docentes segundo uma nova concepção sobre a organização do processo ensino-aprendizagem na EAD, a começar pelo papel dos Encontros Dialógicos Interativos - “teleaulas”.

Infelizmente ainda não é perceptível um movimento de formação continuada de docentes, específico para a atuação na EAD, que tome como ponto de reflexão a organização dos encontros - mesmo que mediados pela tecnologia - entre professor, aluno e conhecimento. As iniciativas de capacitação docente têm assumido com bastante frequência, ares de treinamento no uso das TIC, reforçando a já existente percepção dos docentes que são estas (as TIC) o grande desafio a vencer e que a estrutura da “aula” pode ser transposta do ensino presencial. Vale reforçar que também nesta

modalidade é preciso repensar a estrutura das aulas, de modo a caminhar para o que Pimenta e Ansatasiou (2005) chamam de “ensinagem”. Para estas autoras, há uma falsa dicotomia entre o ensinar e o aprender, pois só há ensino quando ocorre a aprendizagem, fator nem sempre respeitado no ensino superior, seja presencial ou não.

A partir das reflexões acima elencadas, é possível apontar alguns indicativos, iniciais é bem verdade, mas que têm orientado nossa prática no apoio aos docentes dos cursos que coordenamos. Sua apresentação tem muito mais o objetivo de abrir a discussão sobre o tema, permitindo que outros pesquisadores intervenham e nos ajudem a promover a superação dialética do que foi construído até aqui do que apontar soluções acabadas.

### **Reflexões sobre o espaço da aula na EAD**

Segundo os princípios que regem a Educação a Distância, nessa modalidade o processo de ensino e aprendizagem ocorre desvinculado do espaço e do tempo, podendo ocorrer em qualquer lugar e a qualquer tempo. A mediação realizada não se dá exclusivamente pelo professor ou pelo tutor, mas se desenvolve por meio do material didático e das Tecnologias da Informação e Comunicação. Assim, a prática pedagógica desenvolvida ocorre num espaço constituído de forma virtual - Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), com o apoio dos recursos tecnológicos disponíveis. Apesar da riqueza destes recursos, ressalta-se o papel do professor, procurando-se destacar a importância de se investigar e compreender possibilidades de mediação pedagógica na teleaula nessa modalidade de ensino e aprendizagem.

Moore e Kearsley (2007) alertam que na EAD é preciso deixar de existir o professor individual para se configurar o professor coletivo, ou seja, todas as formas de mediação previstas no projeto do curso e colocadas em ação com o apoio das TIC fazem parte do processo de ensino e aprendizagem e não apenas o professor docente da disciplina. Os profissionais que planejam a estrutura (design) do curso, aqueles que produzem o apoio visual, o professor regente, o tutor, o material escrito, etc., compõem uma intrincada rede que

precisa funcionar de maneira articulada para que o ensino se dê de maneira efetiva nesta modalidade.

Em direção contrária desta apontada pelos autores, os discursos dos docentes envolvidos na EAD nos cursos por nós coordenados indicam que a aula ainda é tida como momento central, a partir da qual se organizam todas as demais atividades. Ainda é muito sutil a compreensão de que ela é (apenas) mais um momento de interação do aluno - do qual se espera autonomia intelectual - com o conhecimento. Embora todos sejam instados a utilizarem as ferramentas disponíveis no ambiente virtual e comporem a “rota de aprendizagem” - orientações claras, em sequência lógica, para que o aluno possa realizar seus estudos e se apropriar do conteúdo previsto - ainda é rara a compreensão da totalidade deste processo.

Vários são os fatores que podem ser apontados como explicativos para este fato, dentre os quais destacamos três que estão fortemente inter-relacionados: o não-conhecimento da estrutura de organização da EAD, a falta de intimidade com o ambiente virtual de aprendizagem, e as condições de trabalho dos docentes. No que se refere ao primeiro ponto ressaltamos que grande parte dos professores que atualmente atuam na EAD não têm conhecimento de toda a estrutura de organização desta modalidade e, por isso mesmo, tendem a tomar o ensino presencial - e sua organização centrada na aula - como referência.

Em relação ao segundo ponto defendemos que apenas o uso freqüente do ambiente virtual de aprendizagem possibilitará ao educador o domínio desta ferramenta e, mais que isso, a compreensão das possibilidades que ela oferece no sentido de outra forma de organizar o ensino. O uso de fóruns, chats, enquetes, a inserção de links, filmes, músicas, imagens do cotidiano ainda são, em grande medida, compreendidos como apêndices das aulas e não parte de um processo de ensino-aprendizagem no qual o aluno deve ser um sujeito autônomo, que acessa e organiza as informações e interações que lhe são possíveis e, a partir delas, constrói sua própria compreensão sobre o tema em questão.

O terceiro ponto se refere ao fato de grande parte dos docentes serem professores cuja atividade principal é ensino superior presencial e que lecionam também, esporadicamente, na EAD. Além da transposição do modelo presencial que isso acarreta, a sazonalidade dificulta o vínculo mais próximo com a EAD, seu funcionamento, suas possibilidades e seus processos. Um exemplo desta situação é o baixo índice de professores que continuam acessando o ambiente virtual - e todas as possibilidades que ele oferece - após a conclusão do período em que ocorreram as telaulas. Obviamente há por trás disso a questão da remuneração e das condições de trabalho docente, que merecem ser repensadas com urgência para garantir a melhoria constante da qualidade do ensino oferecido na EAD, mas este não é foco desta reflexão.

O que pretendemos apontar é que ainda há muito a se caminhar na direção de ampliar a compreensão dos docentes - porque não dizer dos demais profissionais envolvidos - acerca do papel da aula na EAD, com o objetivo de constituir processos de ensino-aprendizagem cada vez mais efetivos.

Outro aspecto que merece uma reflexão mais cuidadosa é o papel que a aula exerce para os alunos o que, conseqüentemente, pode dirigir a ação dos docentes. Vygotsky, em várias de suas obras, nos alerta para o fato da aprendizagem ser um fenômeno social (OLIVEIRA, 1993), que ocorre por meio da mediação do outro social, seja ele o livro, o professor ou os companheiros mais experientes.

Esta mediação poderia se dar somente por meio das TIC, mas, dado o histórico dos alunos brasileiros, cuja formação inicial foi feita na educação presencial, reveste-se de grande importância o comparecimento a encontros em horários oficialmente demarcados ou ainda, nos casos de cursos na modalidade e-learning, de prazos demarcados para que os alunos acessem aos vídeos das aulas, previamente gravadas, com a finalidade específica de tratar sobre os temas de uma disciplina. Nos casos em que se contemplam as atividades nos pólos de apoio presencial, é o momento de sentir-se parte de uma instituição de ensino, de deslocar-se de sua casa - muitas vezes bastante distante do pólo de apoio presencial - para “assistir à aula”, participar da

exposição realizada pelo professor junto com outros alunos e seu tutor local. Assim, a mediação propiciada por todo o sistema da EAD se amplia e incorpora aquela oferecida pelo contato com os colegas do pólo e com o tutor, por meio da troca de idéias, dúvidas, anseios e saberes. Já nos casos em que os cursos acontecem exclusivamente na modalidade e-learning, se faz necessário desenvolver um estudo específico. Entretanto, de antemão, é possível afirmar que a incorporação de diferentes atividades propostas a partir dos diversos recursos do ambiente virtual relacionados aos vídeos das aulas, deve ser ainda mais ressaltada, numa perspectiva de mobilização do aluno para o estudo e aprofundamento dos conhecimentos.

Retomando a importância do encontro dialógico, é importante destacar que além de ampliar as possibilidades de aprendizagem devido à interação entre os pares, o encontro se caracteriza também como marcador temporal. Ele permite que o aluno se oriente em relação ao que está acontecendo na sede da instituição que frequenta, e, principalmente, indica em que etapa do auto-estudo ele deverá estar e indica o nível de exigência/aprofundamento exigido para os estudos. Além disso, desencadeia e mantém ativa no estudante a mobilização para o autoestudo e mesmo para a busca autônoma de outras informações que, a princípio, nem fariam parte do que foi planejado para aquele curso ou disciplina. A fala do professor, um exemplo ou situação por ele elencada gera esta mobilização naqueles alunos que já desenvolveram níveis mais avançados de autonomia intelectual. Estes dados permitem reforçar a tese que o papel da aula precisa ser ressignificado na EAD. Se não se trata de fazer, naquele único momento, a transmissão-assimilação do conteúdo previsto, a organização deste encontro poderia assumir outra configuração, buscando aguçar o desejo de aprender e refletir de maneira mais aprofundada sobre os temas a serem tratados, problematizar os conteúdos tomando a prática social - e não a lógica interna de cada ciência - como referência e indicar as formas de se apropriar de elementos teóricos que favoreçam esse processo.

Sua organização poderia, nesse sentido, se assemelhar à proposta por

Vasconcellos (1996), que aponta os seguintes passos para a organização do processo ensino-aprendizagem: mobilização para o conhecimento, construção do conhecimento e elaboração e síntese do conhecimento. Segundo esse autor, a mobilização corresponde a uma sensibilização, a criação de uma atitude favorável ao aprender, principalmente trazendo elementos de realidade para desencadear a aprendizagem. Já a construção do conhecimento é a etapa na qual, por meio da interação dialógica, o professor favorece a superação do senso comum sobre o assunto por meio da problematização e da apresentação do novo conteúdo, oferecendo oportunidades de análise por parte dos alunos. A elaboração e expressão da síntese do conhecimento é o momento no qual o aluno é convidado a fazer suas próprias sínteses sobre o tema, incorporando dialeticamente o novo conhecimento e, a partir dele, ressignificando seu conhecimento anterior sobre ele.

Como o autor se refere à educação presencial precisamos tomar o cuidado de não transpor diretamente suas orientações, mas ressignificá-las, adaptando e mesmo alterando-as tendo como referência a EAD. Exemplificamos: Como o professor não conhece presencialmente seus alunos, poderia se utilizar das ferramentas disponíveis no ambiente virtual (chat, fórum, enquete, etc.) para realizar uma breve pesquisa sobre o público alvo do curso e, a partir dela, iniciar o encontro trazendo uma situação da prática social comum a estes sujeitos (dados da realidade concreta), que os mobilize para o tema. Não se trata, porém, de mera incentivo, mas sim da proposição de situações concretas próximas temporalmente do conhecimento a ser aprendido que permita uma leitura ampliada e crítica.

Após a proposição destes dados da realidade e do modo como são compreendidos no senso comum, o próximo passo seria a “desconstrução” desse mesmo senso comum por meio da problematização. Em vez de simplesmente apresentar o conteúdo, trata-se questionar, apresentar casos, situações, textos, que coloquem em xeque a visão prévia dos alunos sobre o tema. Como as “teleaulas” ocorrem com intervalo de, no mínimo, uma

semana, é possível orientar coleta de informações, a leitura, a busca de dados empíricos no período compreendido entre elas e, favorecer a socialização por meio das ferramentas do ambiente virtual para, novamente, alimentar o próximo encontro.

A apresentação do novo conteúdo, mostrando de que modo ele se articula com a situação da prática social apresentada ao início, ocorreria no decorrer de todo o processo, quando o professor relaciona os conceitos com os dados trazidos pelos alunos, aponta novas formas de análise e compreensão e orienta a formulação de sínteses. Neste momento, o apoio ao material didático impresso pode ser de grande valia, permitindo que o aluno tome conhecimento das contribuições dos pesquisadores sobre o tema em pauta.

Finalmente, cabe realizar a síntese compreensiva do que foi trabalhado, organizando os conceitos de maneira nova, única, própria daquele momento. É quando o professor favorece, induz a organização das idéias centrais do tema pelo aluno, propiciando uma visão mais articulada, organizada do conteúdo.

### **Considerações finais**

Os elementos brevemente apontados indicam que a organização dos encontros precisa ser dialógica, desencadeando não apenas a assimilação de certos conceitos, mas a reflexão sobre o real a partir deles. Para isso, a experiência prévia do docente com o conteúdo no ensino presencial, desde que ressignificada e não simplesmente transplantada, é de grande valia, pois lhe permite imaginar e propor problematizações, simulações, casos, que orientem a aprendizagem. Permite ainda antever em quais tópicos ou conteúdos o aluno poderá apresentar maiores dificuldades e, a partir disso, imaginar formas de enfatizar tais pontos.

Para que a teleaula desempenhe o papel que estamos sugerindo, o professor precisa passar a compreendê-la como parte de todo um sistema de ensino e aprendizagem e não como “o momento” em que ela ocorre. Remeter

o aluno ao material e às atividades disponibilizadas no ambiente virtual, relacionar com o livro-base, desencadear a necessidade de participar de fóruns, chats e outras possibilidades de tutorias, devem fazer parte da organização destes encontros, sinalizando para o próprio aluno que este é um momento importante, mas que precisa ser complementado por vários outros para que a aprendizagem se dê com sucesso.

Nesse sentido, defendemos que o momento da teleaula não precisa e não deve, necessariamente, reproduzir oralmente o que está escrito nos materiais de estudo do aluno e sim, desencadear a mobilização, o interesse na leitura e no auto-estudo, a partir de proposição de situações desencadeadoras planejadas pelo professor para a organização dos encontros dialógicos.

Apontamos também a necessidade da proposição de estratégias de formação continuada dos docentes que atuam ou vão atuar na EAD, não com o foco no uso das TIC e sim, na reflexão sobre um processo ensino e aprendizagem que seja significativo e que favoreça o desenvolvimento da autonomia intelectual, entendendo todas as ferramentas e momentos propiciados ao estudante - e não apenas a teleaula - como estratégias para tal.

## Referências

GUEDES, A.; MEHLECKE, Q.; COSTA, J. **As percepções dos professores sobre o ensino a distância: uma reflexão sobre as teorias pedagógicas e a EAD.** Disponível em [http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2008/artigos/10a\\_adriana.pdf](http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2008/artigos/10a_adriana.pdf) acesso em 04 de junho de 2009.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1985.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integradora**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. **Docência no ensino superior**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2005. Coleção Docência em Formação.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica**. 8ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003 (Coleção educação contemporânea)

VASCONCELLOS, C. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 17ª Ed. São Paulo: Libertad, 2005.